

Neoconcretos falam de sua Exposição (I)

A propósito da Exposição neoconcreta que vai ser inaugurada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, pedimos a alguns dos artistas dela participantes para prestar alguns esclarecimentos sobre sua contribuição à mostra. Esses depoimentos serão publicados nos próximos dias. Ouvimos, em primeiro lugar, o jovem pintor Hélio Oiticica, de quem transcrevemos o depoimento

HÉLIO OITICICA E SUA MAQUETA DE JARDIM

P — Qual vai ser a sua participação na Exposição neoconcreta?

R — Como na exposição anterior, no Ministério da Educação, vou apresentar uma série de não objetos. A novidade será a grande maquete (1,60 x 1,60 m) do projeto para um jardim.

O jardim será todo em construções, e sem nenhuma vegetação. Inclui cinco maquetas minhas, duas sob forma de labirinto e três em placas rodantes, além do poema enterrado de Ferreira Gullar e do recinto para o teatro integral de Reinaldo Jardim.

P — Possuirá, portanto, um sentido inteiramente diverso do habitual em matéria de jardins.

R — Sim, e não só pelo fato de incluir unicamente obras com sentido estético, como por um certo caráter mágico que existe em sua estrutura.

P — Que caráter mágico seria esse?

R — Acho que possui caráter mágico, por um lado porque as obras que o compõem levam as pessoas que nele penetram a um outro plano que não o do cotidiano, e, por outro, por ser ele integralmente composto de obras estéticas. Num jardim comum, por exemplo, a natureza é organizada, sem deixar, no entanto, de ser natureza, ao passo que aqui a intenção é totalmente desligada de qualquer preocupação com a natureza e consiste em procurar elevar o espectador a uma participação estética integral.

P — Pode-se considerá-lo então como uma espécie de jardim artificial?

R — Sim. O único elemento de natureza nele será a areia penteada como nos jardins japoneses.

P — Qual é o material previsto para as construções?

R — O comum — concreto e alvenaria. O piso das três entradas será de mármore, para criar uma ligação entre a parte construída e a areia.

P — Qual a importância da cor?

R — A cor é um dos elementos mais importantes. Sendo a predomi-

minância em tons de amarelo e branco na parte exterior, e, na parte interior, de outros tons, mas sempre luminosos.

Ao se entrar por qualquer das três entradas, os tons exteriores de amarelo e branco serão mais suaves, intensificando-se à medida que se chega ao centro do grande labirinto, sendo mais intenso ainda no interior das maquetas, principalmente nas minhas, em que a cor atua como elemento fundamental.

P — E você prevê a realização de seu projeto?

R — Está claro que gostaria de vê-lo construído, ainda que para isso fôsse preciso contar com o interesse por parte de arquitetos e de autoridades.

P — Por que, então, *jardim* e não *monumento*?

R — O projeto se aproxima, na verdade, do sentido de monumento, e, ainda, do de templo, mas difere essencialmente de ambos. Num e noutro existe um sentido acessório ao estético. O templo é sempre concebido como um recinto destinado à guarda das divindades. O monumento, por seu lado, também se destina, de certo modo, a guardar ou a cultuar a memória de algo ou alguém. Já este meu projeto não possui qualquer desses sentidos acessórios, sendo destinado unicamente à participação e à contemplação estética.

wil-3/59

DIÁRIO POPULAR
SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO
NEOCONCRETA

Realizar-se-á no
21 horas, a inauguração
Exposição Neoconcreta
Arte Moderna,
rua de Arruá,
Cruzeiro.